

Entrevista com Hervé Michel¹

Por Luis Henrique Garcia Ferreira²



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021). Source: dossier personnel de l'auteur (2021).

Hervé Michel, você pode falar sobre você e a respeito da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Eu nasci em Casablanca, no Marrocos, na época do protetorado francês, em 1950, porque meu pai, um jovem oficial administrativo, tinha acabado de conseguir uma vaga lá. A adesão de Marrocos à independência em 1956 logo levou ao nosso retorno à França em 1962. Assim, vivi minha infância com a despreocupação de minha época quanto à sociedade colonial em que vivia e quanto ao *apartheid* que regia as relações sociais entre os

¹ Hervé Michel é o responsável pela última das duas traduções integrais de *Finnegans Wake* para o francês, a qual ele intitulou de *Veillée Pinouilles*. Filho de pais franceses, nasceu em Casablanca, Marrocos, nos anos 1950. Embora sempre estivesse em contato com a literatura, construiu sua carreira na administração pública francesa. Em 1998, após viajar a várias partes do mundo e formar um conhecimento linguístico variado (árabe, grego, latim, francês, inglês, espanhol etc.), começou a tradução da plurilíngue obra final do modernista James Joyce. Em 2005, publicou a sua tradução em formato *on-line*, o que lhe permite fazer alterações constantes, dando ao texto um caráter aberto, sempre em movimento, de acordo com as soluções que surgem de novas leituras e do diálogo com a crítica e outras traduções. Nessa entrevista, realizada por e-mail entre o final de julho e o início de agosto, Michel apresenta *Veillée Pinouilles*, abordando aspectos e processos da sua tradução em uma linguagem que mescla informação, análise e literatura.

² Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Mestrando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: henriquegarcia.pesquisa@gmail.com

chamados europeus e os chamados árabes. Mas mesmo na escola católica dos Irmãos de Lasalle, o avanço gradual da descolonização foi sentido quando nos pediram para abrir nossos cadernos para escrever nossos exercícios em língua árabe. É claro que aprendi a ler em francês, sendo que fiz minhas primeiras incursões com romances de aventura, em particular *Vinte Mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne (*Vingt mille lieue sous les mers. Oeuvre Complète – Edition Collector*. Independently Published, 2021), ou *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* (*Tour du monde en quatre-vingt jours: édition originale et annotée*. Independently Published, 2020), ou a *Viagem de Nils Holgersson* de Selma Lagerlöf (*Le Merveilleux Voyage De Nils Holgersson a Travers La Suede*, Imprint unknown, 2018). Minha família logo descobriu meu lado leitor quando minha mãe me pegou em lágrimas na biblioteca enquanto eu lia a *Chanson de Roland* (*LA CHANSON de Roland. Le Livre de Poche Lettres Gothiques*, 1990). Esse tropismo literário foi reforçado pelos estudos clássicos do latim e do grego (com as alegrias da Odisseia) (*L'Odyssee – Broché/Illustré*. Abridged édition, 2018). No entanto, a minha orientação profissional centrou-se em estudos mais prosaicos e envolvi-me em economia e ciência política, especialmente ao ser admitido na Escola de Ciências Políticas de Paris, tendo concluído um estágio de um ano de técnico em finanças em Nova York, o que consolidou significativamente minha compreensão da língua inglesa.

A desordem da juventude fez com que eu saísse da universidade e partisse ao acaso para as estradas do mundo, de acordo com uma jornada que descrevi na em meu *site*.³ Nesta fase, li mais filosofia (Deleuze e Derrida) ou teoria (Guy Debord), até misticismo (Castaneda), do que literatura. Esse período culminou no encontro com minha esposa, Constance Hélène, com quem, aos trinta anos, voltei a morar em Casablanca. Passei muito tempo lendo o *Alcorão* (*O Alcorão: Livro Sagrado do Islã*. BestBolso, 2016) e teóricos muçulmanos, como Sayyid Qutb; trabalho exigente, mas solitário e mal pago, o que me levou a regressar à França no setor administrativo do Ministério das Finanças, onde a obra de Joyce começou a ocupar o meu tempo livre.

Les faits donc, les posséderions-nous, sont trop imprécisément peu pour garantir notre certitude. Néanmoins, la muse égrevine acire largement plus viesemblable et notre galeurrie notionale est maintenant complètement complaisante, un exégieux monument, aéré pérennieux (VP 57).⁴

³ Michel, Hervé. “Á Pâlr!” *Veillé Pinouilles*. 9 de agosto de 2021. <https://tinyurl.com/nh2m3hn3>. [nota do entrevistado].

⁴ *Veillé Pinouilles* passa a ser identificada por VP. Em todos os casos, a tradução em português é do entrevistador, retirada de sua tradução em andamento, *Finnegans Ressuchistam* (FR). “Assim os não-fatos, caso os possuíssemos, são um tanto imprecisamente insuficientes pra garantir nossa certitude (...). Todavia os

Como você chegou à obra de Joyce e à tradução de Finnegans Wake?

Na verdade, foi apenas na época do meu retorno de Marrocos que conheci *Finnegans Wake*, porque minha reflexão por analogia com o *Alcorão* apontou esta obra profética como a manifestação mais distinta da onda criativa / dialética de partícula no material linguístico, e também o contato da criação por uma incrível aproximação da ousadia do caos original, mesclando a cultura com uma erudição notável, ou, como diz o próprio texto, *Un oiseau de parodie, postprophétique* (VP 11). *Poufpouf* (VP 12).⁵

Como, entretanto, passei em todos os exames internos para a administração, até o nível mais alto da Escola Nacional de Administração, entrei na carreira de administrador civil no Ministério da Defesa. Consegui, assim, a segurança financeira que me permitiu embarcar nos empreendimentos de pesquisa em escrita criativa, começando com *Finnegans Wake*.

Pensou em publicar no formato impresso ou a ideia sempre foi uma versão digital?

Publicar na internet tem se mostrado uma ferramenta de fácil comunicação, que me permitiu moldar um objeto literário e fazê-lo interagir com grupos e indivíduos que possam ter interesse nele.

Naturalmente, sugeri a cerca de quinze editoras a publicação de um livro impresso. Não obtive acordo sobre esta ideia. Apenas algumas revistas responderam às minhas cartas, publicando resenhas (*L'atelier du roman*, *Viridis Candela* etc.).

É possível acompanhar no seu site as alterações que você realiza na tradução. A versão digital seria mais adequada ao signo mutante de Finnegans Wake, haja vista a possibilidade de mudá-la constantemente?

Sim, também seria bom implementar um *Wikiwake* online no qual pudéssemos alterar o texto, de acordo com as mais diversas opiniões, o que permite ir além das anotações palavra por palavra do *FWEET*.⁶

A respeito do processo tradutório, quais foram as etapas e o tempo despendido?

Foram três estágios principais:

- primeira leitura e tradução palavra por palavra com base nas anotações de McHugh: 1998-2005 (*Annotations to Finnegans Wake*. Johns Hopkins University Press, 2016); primeira leitura e tradução palavra por palavra com base nas anotações de McHugh:

Bonecos de cera de Madame Tussaud ganham vivavida (...) e nossa guleria nocional é agora completamente complacente, um monumento exegioso, aereamente perene” (FR).

⁵ “Uma papagaia de paródias, uma ceci tiva mãe peri quita”, “Poffpoff” (FR).

⁶ *FWEET* é um site de pesquisa sobre *Finnegans Wake* disponível em: <http://www.fweet.org/>.

1998-2005; segunda leitura e revisão das soluções encontradas por comparação com os elementos de interpretação de John Bishop e seu *Book of the Dark* (*Joyce's Book of the Dark*. The University of Wisconsin Press, 1986), bem como com a tradução de Marcelo Zabaloy: 2005-2012 (*Finnegans Wake*. El cuenco de plata, 2016);

- leituras aleatórias por meio da revisão de estudos críticos.

Na “intradução” à sua tradução, entre outros autores, você cita Derrida e Lacan. De que forma eles te influenciaram, assim como visões não atreladas à teoria da tradução?

Jacques Derrida é quem retoma Walter Benjamin sobre a teoria da tradução, em particular ao dizer que “as línguas não são estranhas umas às outras. (...), estão todas (...) relacionadas. [por] uma relação íntima, (...) que atesta a traduzibilidade dos textos. Neste relatório esconde-se a língua verdadeira ou *pura*”.

A respeito de James Joyce, Derrida conseguiu lançar luz sobre o dispositivo de fermentação de uma massa textual em *Finnegans Wake*, desafiando a erudição acadêmica, concebida como uma máquina de produção e reprodução, que afoga o conhecimento em sua univocidade. O texto só pode ser apreendido por um aniquilamento da impossibilidade de decifrar, da confusão, da intraduzibilidade, aliada ao convite à tradução sem fim. Isso corresponde a uma demanda exorbitante por parte autor no que diz respeito a um do leitor (ideal?) por atenção exclusiva. O monumento vai além do sujeito que o descobre, mas ao mesmo tempo marca-o com um eco de prazer em meio ao caos.

Derrida me fez sentir como Joyce, “com um gesto, assina e sinaliza o nome de Deus” (*Ulysse gramophone, Deux mots pour Joyce*. Galilée, 1987). Por meio de seu trabalho inapreensível, para lê-lo, é preciso se distanciar do que está lendo, com uma explosão de risos. Da fenomenologia da escrita de caráter bíblico ao sintoma psiquiátrico, Lacan *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre XXIII: Le sinthome*. Éditions du Seuil, 2005) traduziu a “necessidade de ser” como aquilo “que não cessa as letras”.

Quais foram os principais recursos e fontes nos quais se apoiou?

Já citei a obra *Annotations* de McHugh, o site *FWEET Elucidation Treasury*, e o *Book of the Dark* de John Bishop, de quem acompanhei a maior parte das interpretações. Este não foi o caso com o guia de leitura de Tindall (*A Reader's Guide to Finnegans Wake*. Syracuse University Press, 1996), que sobrecarrega o livro nos aspectos narrativos enquanto ignora suas inconsistências.

Também é muito inspirador e brilhante o *Shorter Finnegans Wake* de Anthony Burgess (Faber and Faber, 1966). Entre os incontáveis trabalhos de crítica, citarei *Eternal Geo-*

mater de Margaret Solomon (*Eternal Geometer: The sexual universe of Finnegans Wake*. Southern Illinois University Press, 1969) que ajuda a compreender por que ouviam James Joyce rindo enquanto ele trabalhava em sua *work in progress*. É claro que li a tradução de Philippe Lavergne (*Finnegans Wake*. Gallimard, 1982), mas sem começar por ela. E eu o consultava cada vez menos à medida que minha tradução avançava e conforme eu me voltava mais para a versão castelhana de Marcelo Zabaloy.

Você seguiu alguma teoria da tradução? Finnegans Wake pode ser encaixotado por teorias da tradução?

Pode-se dizer no que diz respeito à linguagem que existem diferentes tipos de discurso, específicos para cada pessoa e para grupos mais ou menos extensos, e que, entre eles, esses discursos são compreendidos em graus diversos e segundo restituições com fidelidade aleatória. A padronização das relações humanas e a agilidade das memórias eletrônicas permitem que campos cada vez mais vastos troquem sintetizações cada vez mais exatas. Os tradutores, portanto, têm o imenso campo de trabalho de consertar correspondências semiológicas, na medida em que são biunívocos e úteis em uma dada rede de relações linguísticas. Eles existem para sancionar a relevância das equivalências. A conformidade da inteligibilidade depende da localização dos textos (fonte ou alvo) no mapeamento de possíveis enunciados, ou mesmo apenas admissíveis. Os erros, as ambiguidades, os jargões, as aproximações e os trocadilhos são endossados pelos sinais da ironia do autor. Mas quando o texto é transposto, é o leitor que vai decidir se, afinal, ele entendeu. E é nesse sentido que, para mim, traduzir *Finnegans Wake* é a única forma de lê-lo. A profusão (em inglês) de notas marginais e comunicações dos círculos joycianos atesta a liberdade que reina nessas páginas.

Alguns tradutores mantêm Finnegans Wake no título, enquanto outros “traduzem”. Você optou pela segunda escolha. Pode falar sobre ela?

Eu recomendo o excelente artigo que Patrick O’Neill produziu sobre este assunto na revista *Qorpus*.⁷ Para mim, isso é claramente uma apropriação pela minha leitura do texto traduzido. Acrescentaria que achei interessante dar-lhe esse aspecto nada sério, como quando falamos em francês de “caramboustouilles”, deixando em aberto o enigma de sua riqueza textual, que é como uma “pirueta”.

⁷ A entrevista foi publicada em uma edição especial da Revista *Qorpus* (volume 9, dezembro de 2019) sobre James Joyce, que está disponível em: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm>.

Pode citar trechos e abordar as respectivas questões que encontrou, assim como as soluções que deu a elas?

Eu descreveria como um viés que eu adotei:

- transposição formal: alcançar um texto visualmente semelhante ao original, conforme recebido pelo leitor que fala inglês, se não irlandês;
- imanência de significado: ao contrário de um exercício de tradução convencional, isso é feito palavra por palavra, uma vez que a intenção do autor de ser fielmente traduzido é mascarada pela mistura de idiomas;
- fisicalidade da linguagem escrita: corresponde à oralidade e à musicalidade, garantindo que o resultado tenha um forte impacto estético.

Escolherei o seguinte trecho que diz: “Por quê?”:

Par l'antar de Yasas ! Les intiretés de vivre la vie étant la seule substance d'un devenir flux. Totalisé dans le contérecompté et racontécompté dans le can dit racompte. Pourquoi ? Parce qu'il y a deux signes vers quoi toumer, le post et l'ist, le côté du rect et le côté direc tort. Pourquoi ? Sur la vie sourde nous avons le Moskiosk Djinpalast avec ses adjacences jumelles, la maison de bains et le bazar, allahallahallah, et sur la vie sponde c'est l'alcovan et le jardin de roses, bonie nulleté, tout puraputhrie. Pourquoi ? T'une fois ronron patapon l'histoire de la fince et des petits jeunets. Pourquoi ? Tout dire aboie demeurer, vidnis Shavarsanjivana, et tout-en-rèves peutêtrant ondre chanceloupe sont enfin au travers. Pourquoi ? C'est une sotté de secsac, systome dystome. Il y a quelque chose de supernoctural peu importe ce que vous l'appellez. (VP 596-598)⁸

E para o português brasileiro:

*Qu'est-ce que, **para** Saom Plaom, au nom de Deucalion et Pyrrha, et des dieux incensés du foyer et licenciés des pénates et Stator et Victor et Kupela et Brisela et toute la **mesa redonda** de Lorenção Otulass en **convocação**, faisait réellement ce type humain bassement inintéressant, cette Colonne Calomnieuse de Cloaxité, cette Balise de Bengale de*

⁸ “Pelo antar de Yesus! A totemlidade da vivavida é a única substrância dium riocorrente. (...) Cantabilizado em cantocontado e contocantado em contradiz-que-me-diz cochichado. Por quê? Porque (...) há dois signos pros quais riocorrer, o ontem e o hoje, o lado urrado e o lado anjusticado (...). Por quê? No lado sourdo temos o Moskiosk Djinpalast com suas adjacências gêmeas, o balneário e o bazar, allahallahallah, e na terceira mallarmagem fica o alcovão e o jardim do edda, boony noughty, tudo purapoetaria. Por quê? Erra uma voz uma história sobre cama e cufedemanhã (...) Por quê? Cada hablabla tem seu espasom-templo, testemunhe Shavarsanjivana, e todos-os-sonhos sob o ruído de assonhâncias terão um finn. Por quê? É um don quer chote de bebatilhas bébicas, sistomia distomia (...) Há algo supernoctural em tudo o que cê falhou dele.” (FR).

Biliosité, cet Aper Annamite d'Atroxité, il sera précise de le quarifier, car il semble au bas de bas comme cas? (VP 179)⁹

Como a sua tradução foi recebida pelo público francês e pela academia francesa?

Próxima de zero.

Pas d'action, peu de sauce. (VP 274, nota do lado esquerdo)¹⁰

Donaldo Schüller realizou uma tradução transcultural, levando Finnegans Wake para o contexto brasileiro. Além da língua, ou da lalingua,¹¹ você também levou a cultura francesa para Veillée Pinouilles?

Muito pouco além do título e do nome de Pinot e as variantes de Shem-Shaun, na maioria das vezes trata-se de trazer elementos da cultura irlandesa-britânica para o leitor francês.

– *Hep là ! Commong, sa na pa de valure? (VP 478)¹²*

A tradução de Philippe Lavergne recebeu algumas críticas, entre as quais domesticar o trocadilho multirreferente de Finnegans Wake. Qual é a sua opinião sobre esta tradução de Finnegans Wake?

A tradução de Philippe Lavergne ocupa um lugar pioneiro na história da tradução do *Finnegans Wake*. Foi a primeira tradução completa, concluída já em 1978, e foi reconhecida pelo Prêmio da Academia Francesa (*Prix de l'Académie Française*). Do ponto de vista da tradução, Tim Conley destacou com maestria,¹³ por meio de um exame implacável das notas de rodapé na tradução de *Finnegans Wake* de Lavergne, a indiferença e as negligências com as quais o tradutor parece lidar sem se preocupar com a sombra fria que projeta sobre o texto, com a censura latente dirigida à sua ambiguidade fundamental. Ele assume o lado tímido e triste para quem o trocadilho é “o esterco do espírito voador”, como dizia Victor Hugo, e que não pode ser traduzido. Há resolução de ambiguidades constantes no texto por escolhas arbitrárias que congelam o significante. A magnífica oferta de trabalho

⁹ “O que, pra Saom Plaom, em nome de Deucalião e Pirra, e do penico perfumado e dos deuses copeiros licenciados e Stator e Victor e Kútis e Rugas e toda mesa redonda de Lourenção Otomina em convocação desse tipinhumano desinteressantemente baixo, essa Caluniosa Coluna de Cloaxidade, essa Baliza Bengalesa de Biloxidade, esse Apelão Annamita de Atrotskicidade, realmente, será preciso clarificar, pois ele parece estarlim em condição leninstimável?” (FR).

¹⁰ *Pas d'action, peu de sauce.*

¹¹ “Lalanguê” (no francês) ou “Lalingua” (no português) é um termo de Jacques Lacan, que dedicou o seminário “O Sinthoma” à análise da obra de Joyce.

¹² “Epa lelê! Camus é, éça porra nuntem valure?” (FR).

¹³ Conley, Tim. “Avec hésitance”: Lavergne’s footnotes and translations of *Finnegans Wake*. *Scientia Translationis*, n. 12, 2012 [nota do entrevistado].

para o tradutor é desvalorizada. Para mim, que li *Finnegans Wake* antes de abordar a tradução de Lavergne, não encontrei o que entendi no texto-fonte e, portanto, cedi ao chamado para mergulhar inteiramente na contemplação dessa joia “escriturística”.

Logo na primeira linha, Lavergne levou a tradução para Notre Dame, enquanto você manteve a sua na catedral irlandesa de Adão e Eva, tal qual o original. Quais são as principais diferenças entre a sua tradução e a dele?

Lavergne tomou a maior das liberdades com os múltiplos raios de significado que tecem esta primeira frase que, como se sabe, é a continuação da última. Começa com uma palavra “erre”, da qual não há nenhuma ideia no texto original. Para ficar com a primeira palavra, “riverrun” é estritamente em inglês “the flow of water”, “current”; sem dúvida é isso que nos conduz na vida, em uma repetição incessante ou renovação permanente, portanto “re ...” em um movimento que vai além da história de Adão e Eva cujas posições relativas se restabelecem, desde que vamos primeiro à Eva. A ideia de “re-corrente” é retomada no restante da tradução deste primeiro parágrafo, embora traduzir *comodius vicus* por “recourante via Vico par chaise perece”, seja desnecessariamente escabroso.

Como analisa as traduções parciais ao francês, como a de Samuel Beckett?

Há um foco no capítulo 8 por parte dessas traduções, incluindo aquela de que o próprio James Joyce participou (juntamente com Samuel Beckett). Dito isso, Beckett me parece ser o mais relacionado ao original, embora Patrick O’Neill tenha demonstrado em *Trilingual Joyce*¹⁴ que o próprio Joyce não a endossou.

Exemplos comparativos de traduções:

Mesa redonda sobre o tema “Traduzível? Intraduzível?” realizada no Instituto de Estudos do Islã e Sociedades do Mundo Muçulmano da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais. Paris, 14 de março de 2014.

Paper apresentado por Hervé Michel “A experiência da tradução de *Finnegans Wake*”.

¹⁴ O’Neill, Patrick. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018 [nota do entrevistado].

| | | | | | | |
|--|---|---|--|--|---|---|
| Chapitre Anna Livia Plurabelle | Andre Peron et Samuel Beckett: | James Joyce, Philippe Ssoupault, P.L. Leon, Eugene Jolas et Adrienne Monnier: | Philippe Lavergne: | Halphé Mihcel: | Michel Chassaing | Traduction d'un automa- tique (http:// trans.voila.fr/ voila) |
| For the putty affair I have s wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer my life in death companion, my frugal key o four larder, my much-al- tered camels hump, my jointspoil- er, my may- moons' honey, my fool to the last Decem- bererm to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to. | Car le trou vaseux que je possede est tout use ah oui, a force d'etre assise a beailler et a attendre que mon vieux baiser et adodderateur Danois, mon compagnon a la vie a la mort, le sobre qua idenas de mon gardma- ner, ma bosse de hameau bien abimee, mon briseur de jointures, le miel de ma lune de mai, mon bouffon jusqu'au dernier jour de Desambre, s'veille de son somme d'hiver et m'enfile comme il em avait cou- tume! | Car l'arou- mastique que j'icy possede est tout trouee, y a pas a dire, seante ete beillante et guettante mon Vieux Danois d'addode- rateur, mon compagnon a l'avie dans la mort, quaiden- nas de careme de mon garde manger, ma bosse de chameau bien alteree, mon briseur a plat de ma jointe resistance, le miel de mail une mon grand fou jusqu'au bout de Desambre qui s'veille enfin de son somme d'hiver ete m'enquiquine comme au temps de ses rixes. | Car le petit machin que j'ai bien use, ca c'est vrai, a force d'attendre et crier Noel qu'il Vienne, mon compa- gnon de vie et de mort, la cle frugale de mês bardes, la bosse camelique du renouveau qui desaltere, ma panacee renversee, Mon miel de Maynooth, mon fou de la 31 decembre, pour s'veiller de son Conte d'Hiver et me devorser tout comme il le faisa it naguere. | Car l'affaire founette que j'ai est toute trouee y a pas a dire, assise beante et attendant mon Vieux Danois addoderateur, mon compa- gnon de vie dans la mort, ma frugale de notre lardier, ma bosse de chameau trésaltérée, mon turbule jointure, miel de lune de mon mai, mon fou jusqu'au dernier Decembrier, pour qu'il se veille de son roupillon d'hiver et me deperce l'en- nuï comme il faisa it susuel- lement. | Car le putti frouc que j'ai est tout use, que j'vous dis, assise, abaillant et attendant mon Vieux Danois hodeur dadoreur, le compagnon de m'avie dans la mort, ma frugale cle de notre frigardeur, ma bosse chameau bien alteree, mon dejointeur, Mon mielou de mailune, mon plein- fou de fin decembre, se veille de as somme d'hi- ver et m'en- nuie un bas coup comme d'antant. | Pour l'affaire de mastic que j'ai est a porte dehors, ainsi ele est, se reposant, jacassant et attendant mon Vieux dodde- rer de hodder de Danois, M avie dans le compagnon de la mort, mon clef economie de notre gardemanger, la bosse de mon chameau beau- coup-change, mon jointspoi- ler, le miel de mês maymoon, mon imbecile au dernier Decembe- rer, pour se veiller hors de son hiver sommolez-et ennuyez-moi vers le bas comme il employait a. |

Várias traduções do Monólogo no final do livro

O tradutor de Ulysses e Finnegans Wake para o castelhano, Marcelo Zabaloy,¹⁶ é um admirador declarado da sua tradução. O que pensa sobre a tradução que ele realizou de Finnegans Wake, a primeira integral para o castelhano?

¹⁵ Tradução da primeira coluna, na cor salmão: “Pois o mesquinho rumor quescrevo está desgastado, assim é, sentado, latindo e esperando meu velho Godane holdden dodder cafona, meu companheiro de morte e vida secassual, minha chave frugal de nossa despena, meu corcovado de camelo alá poundiaçucar, meu exterminador de futuro, meu mallarmel da lua de mel, π tolo meu até o último dezembro, pracordar de seu cochilo de inverno e me dar um tratrotsky camus costumava fazer.” (FR).

¹⁶ Uma entrevista com Marcelo Zabaloy foi publicada em uma edição especial da Revista *Qorpus* (volume 9, dezembro de 2019) sobre James Joyce, que está disponível em: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm>.

Marcelo Zabaloy tem todas as habilidades que o levaram ao sucesso em sua façanha titânica de traduzir *Ulysses* e *Finnegans Wake* em uma linguagem moderna e fluida. Me sinto endividado com ele pela consideração e disposição ao me conceder momentos de puro prazer em nossos diálogos sobre a tradução e os contornos obscuros da linguagem ao redor do texto.

Há um texto crítico que antecipa a sua tradução, a “intradução”, e algumas tabelas, informações e reflexões sobre possibilidades de enredo em seu site. Algumas traduções, como as de Schüller (português), Victoria (castelhano) e a de Schenoni e Terrinoni (italiano) são vastamente anotadas. Qual é seu ponto de vista sobre essas edições críticas? A crítica abafa ou potencializa o texto?

Todos devem ser convidados para a festa.

Dito isso, minha “intradução” não é um texto crítico, mas um dispositivo de escrita destinado a coletar sentimentos literários, filosóficos ou poéticos no fluxo da ação de tradução.

O Brasil tem a tradução integral de Donald Schüller e traduções parciais, entre as quais duas de Dirce W. do Amarante (Finnegans Wake por um fio. São Paulo: Iluminuras, 2018) e uma dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos (Panorama do Finnegans Wake. Perspectiva, 1991). Além disso, está prestes a publicar uma tradução integral, feita por um coletivo coordenado por Dirce W. do Amarante, e também possui pelo menos mais duas traduções completas in progress.¹⁷ Você acredita que uma obra como Finnegans Wake é sempre aberta a novas traduções ou “um é pouco, dois é bom e três é demais”?

A verdade de *Finnegans Wake* está em sua tradução. É também o futuro literário das línguas que se dedicam a este trabalho. Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki, Fuat Sevimay¹⁸ e outros abrirão novos mundos para nós.

Leitor e tradutor são coconstrutores da obra ou há como se fazer leituras e traduções conservadoras?

O leitor e o tradutor são coconstrutores da obra, assim como o espectador de Marcel Duchamp pinta o quadro. Vamos beber na fonte!

¹⁷ Além de *Finnicius Revém* (São Paulo: Ateliê, 1999-2003) e *Finnegans Rivolta* (São Paulo: Iluminuras, 2022, no prelo), traduções completas, há duas traduções integrais em andamento: uma de Caetano W. Galindo e outra minha.

¹⁸ Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki e Fuat Sevimay são tradutores de *Finnegans Wake* para chinês, polonês e turco, respectivamente.

É preciso um livro que manifeste não os impasses, mas os “imposses” do Logos

[não chega a lugar nenhum, porque dá uma volta no final
fala apenas de si mesmo, autorreferencial, forma formas
Risos, ruínas e ressurreição
Fluxo de consciência hiper-realista
Virtuosidade da virtualidade sexual
Truque de cartas, prestidigitação e omissão]

Pas de coupahurlantes ni d'abucalises ni aucun de jodelles de punchons ni aucun rien.

C'est notre vie crasse, hairsute, éterne et nulle. (VP 455)¹⁹

– *C'est des réponses, ça ?*

– *Ce suis quiérieux !*

– *Crashedafar Corumbas ! Un Czardanseur en réalité ! Dervilisglade aussi. Ortovito semi ricordo ?*

– *Ça ne sangnifie rien ! (VP 513-14)²⁰*

¹⁹ “Sem lances copuladados nem beijabocalipses minto menos Sacha e Ponch nem nonada (...). Essa é nossa vida sem crassa, hirsuta e eterna (...)” (FR).

²⁰ “- Essassão as raspostas?

- Essessoul euterrogação!

- Cristo em vão Corumbas! Um Czar czumba! Diabolicomicamente dervixeio de vitta. Ortovito semi ricordo (...)

- Sanguinificando o nada!” (FR).

Questionnaire avec Hervé Michel²¹

Hervé Michel, pouvez-vous nous parler de vous et de votre rapport à la littérature avant de découvrir Joyce?

Je suis né à Casablanca au Maroc au temps du Protectorat français, en 1950, parce que mon père, jeune cadre administratif, venait d'y obtenir une place. L'accession du Maroc à l'indépendance en 1956 entraîna bientôt notre retour en France en 1962. J'ai ainsi vécu mon enfance dans l'insouciance de mon âge quant à la société coloniale où je baignais, et quant à l'apartheid qui régissait les rapports sociaux entre ceux qu'on appelait les Européens et ceux qu'on appelait les Arabes. Mais jusque dans l'école catholique des Frères de Lasalle, l'avancée progressive de la décolonisation se ressentit quand on nous demanda d'ouvrir nos cahiers par la fin pour y noter nos exercices de langue arabe. C'est bien sûr en français que j'ai appris à lire et que je fis mes premières explorations, avec des romans d'aventure, notamment Jules Verne de *Vingt mille lieues sous les mers* (*Vingt mille lieues sous les mers. Oeuvre Complète – Edition Collector*. Independently Published, 2021), ou du *Tour du monde en quatre-vingt jours* (*Tour du monde en quatre-vingt jours: édition originale et annotée*. Independently Published, 2020), ou encore le *Voyage de Nils Holgersson* de Selma Lagerlöf (*Le Merveilleux Voyage De Nils Holgersson a Travers La Suede*, Imprint unknown, 2018). Ma famille m'a vite considéré comme un lecteur dès lors que ma mère m'a surpris en larmes dans la bibliothèque à la lecture de la *Chanson de Roland* (*La chanson de Roland*. Le Livre de Poche Lettres Gothiques, 1990). Ce tropisme littéraire a été renforcé par des études classiques du latin et du grec (avec les joies de l'*Odyssee*) (*L'Odyssee – Broché/Illustré*. Abridged édition, 2018). Cependant, mon orientation professionnelle me portait sur des études plus prosaïques, et je m'engageai dans les sciences économiques et les sciences politiques, notamment en étant admis à l'Ecole des Sciences politiques de Paris, et en accomplissant un stage de technique financière d'une année à New York ce qui a sensiblement consolidé ma compréhension de cette langue.

²¹ Hervé Michel est le responsable de la dernière des deux traductions intégrales en français de *Finnegans Wake*, qu'il a intitulée *Veillée Pinouilles*. Fils de parents français, il est né à Casablanca, au Maroc, dans les années 1950. Bien qu'ayant toujours été en contact avec la littérature, il a construit sa carrière dans l'administration publique française. En 1998, après avoir voyagé dans diverses parties du monde et formé une connaissance linguistique variée (arabe, grec, latin, français, anglais, espagnol etc.), il a commencé à traduire l'œuvre finale multilingue du moderniste James Joyce. En 2005, il a publié sa traduction au format virtuel, ce qui lui permet d'apporter des changements constants, donnant au texte un caractère ouvert, toujours en mouvement, conformément aux solutions qui découlent de nouvelles lectures et du dialogue avec les critiques et autres traductions. Dans cet entretien, réalisé par e-mail entre fin juillet et début août, Michel présente *Veillée Pinouilles*, abordant les aspects et les processus de sa traduction dans une langue qui mêle information, analyse et littérature.

Les désarrois de la jeunesse m'ont alors fait quitter l'université et partir au petit bonheur sur les routes du monde, selon un trajet que j'ai raconté dans le récit mis en ligne sur mon site²². Durant cette période, je lisais plus de philosophie (Deleuze, Derrida) ou de théorie (Guy Debord), voire de mystique (Castaneda), que de littérature. Cette période s'est close avec ma rencontre avec ma femme, Constance Hélène, avec qui sur mes 30 ans, je suis retourné vivre à Casablanca. J'y ai passé beaucoup de temps à lire le Coran et des théoriciens musulmans comme Sayyid Qutb; travail prenant, mais solitaire et peu rémunérateur, ce qui m'a conduit à rentrer en France dans l'administration du ministère des finances, où l'œuvre de Joyce a commencé à meubler mes temps libres.

Les infaits donc, les posséderions-nous, sont trop imprécisément peu pour garantir notre certitude. Néanmoins, la muse égrevine acire largement plus viesemblable et notre galeurrie notionale est maintenant complètement complaisante, un exégieux monument, aéré pérennieux (VP 57).

Comment êtes-vous arrivé à l'œuvre de Joyce, et quand et pourquoi avez-vous décidé de traduire le Finnegans Wake?

C'est en effet seulement à ce moment du retour du Maroc que j'ai rencontré *Finnegans Wake*, parce que ma réflexion par analogie avec le Coran me désignait cette œuvre prophétique comme la manifestation la plus distinguée de la dialectique créatrice onde/particule dans la matière de la langue, et aussi le contact de la création par une approche inouïe d'audace du chaos originel malaxant la culture avec une érudition remarquable, ou comme le dit le texte lui-même *Un oiseau de parodie, postprophétique. (VP. 11). Poufpouf. (VP 12)*

Comme, entretemps, je passai toute la série des concours internes à l'administration, jusqu'au plus haut niveau à l'École Nationale d'Administration, s'est ouverte pour moi une carrière d'administrateur civil au ministère de la défense. J'obtins ainsi la garantie de ressources qui m'a permis de me lancer dans mes entreprises de recherche en création littéraire, à commencer par *Finnegans Wake*.

Avez-vous pensé à publier en format imprimé ou l'idée a-t-elle toujours été une version virtuelle? Si vous avez essayé de publier un livre physique, comment s'est passé ce processus? Envisagez-vous toujours de publier sur papier?

La publication sur Internet s'est révélée comme un outil de communication facile qui m'a permis de façonner un objet littéraire et de le faire interagir avec les groupes et les individus susceptibles de s'y intéresser.

²² Michel, Hervé. "Á Páilir!" *Veillé Pinouilles*. 9 août 2021 <<https://tinyurl.com/nh2m3hn3>> [note de l'interviewé].

J'ai naturellement proposé à une quinzaine d'éditeurs la publication d'un livre papier. Je n'ai pas reçu d'accord sur cette idée. Seules quelques revues ont répondu à mes courriers en publiant des recensions (*L'atelier du roman*, *Viridis Candela*, ...).

Il est possible de suivre les modifications que vous apportez à la traduction sur votre Website. La version virtuelle serait-elle mieux adaptée au signe mutant de Finnegans Wake, étant donné la possibilité de le changer en permanence?

Oui, il serait bon par ailleurs que soit mis en œuvre, un *Wikiwake* en ligne où on pourrait faire varier le texte, selon les avis des uns et des autres, qui permette d'aller au-delà des annotations mot par mot de *FWEET*.²³

Concernant le processus de traduction, par quelles étapes êtes-vous passé et combien de temps cela a-t-il pris?

Trois grandes étapes:

- Première lecture et traduction mot à mot basée sur les annotations de McHugh: 1998-2005 (*Annotations to Finnegans Wake*. Johns Hopkins University Press, 2016);
- Deuxième lecture et révision de solutions trouvées par confrontation avec les éléments d'interprétation de John Bishop et son *Book of the Dark (Joyce's Book of the Dark*. The University of Wisconsin Press, 1986). Ainsi qu'avec la traduction de Marcelo Zabaloy: 2005-2012 (*Finnegans Wake*. El cuenco de plata, 2016);
- Lectures aléatoires à travers la revue des études critiques.

Dans « l'intraduction » de votre traduction, entre autres auteurs, vous mentionnez Derrida et Lacan. Comment vous ont-ils influencé, ainsi que des points de vue non liés à la théorie de la traduction ?

Jacques Derrida est celui qui reprend Walter Benjamin quant à la théorie de la traduction, notamment que « Les langues ne sont pas étrangères les unes aux autres. (...), elles sont toutes (...) apparentées. [par] un rapport intime, (...) dont témoigne la traductibilité des textes. Dans ce rapport se cache le vrai ou *pur* langage ».

Sur James Joyce, il a su éclairer le dispositif de la fermentation d'une masse d'écriture dans *Finnegans Wake* au défi de l'érudition académique, conçu comme une machine de production et de reproduction, qui noie le savoir dans son univocité. Le texte n'est saisissable que par une annihilation du déchiffrement impossible, la confusion, l'intraduisibilité,

²³ *FWEET* est un site de recherche sur *Finnegans Wake* disponible sur : <http://www.fweet.org/>.

jointe à l'invitation à la traduction sans fin. Cela correspond à une exigence exorbitante de la part de l'auteur à l'égard du lecteur (idéal?) d'une attention exclusive. Le monument dépasse le sujet qui le découvre, mais qui le marque en même temps d'un écho de la jouissance au milieu de la confusion.

Derrida m'a fait sentir comment Joyce, « d'un seul geste, signe et contresigne le nom de Dieu » (*Ulysse gramophone, Deux mots pour Joyce*. Galilée, 1987). Par son œuvre insaisissable qu'il faut pour la lire prendre ses distances avec ce qu'on lit, dans un grand éclat de rire.

De la phénoménologie d'une écriture de caractère biblique au symptôme psychiatrique, Lacan *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre XXIII: Le sinthome*. Éditions du Seuil, 2005) traduisait la « nécessité de l'être » comme ce « qui ne cesse des lettres ».

Quelles étaient les principales ressources et sources sur lesquelles vous vous êtes appuyé?

J'ai déjà cité les *Annotations* de MacHugh et le *FWEET – Elucidation Treasury, Du Book of the Dark* de John Bishop, j'ai suivi la plupart de ses lectures. Ce ne fut pas le cas du *Reader's guide* de Tindall (*A reader's guide to Finnegans Wake*. Syracuse University Press, 1996) qui submerge le livre dans ses aspects narratifs en faisant mine de ne pas tenir compte de leurs incohérences.

Très inspirant aussi, et brillant, le *Shorter Finnegans Wake* de Anthony Burgess (Faber and Faber, 1966).

Parmi les innombrables ouvrages de la critique, je citerai *Eternal Geometer* de Margaret Solomon, qui, malgré qu'elle en ait, aide à sentir pourquoi on entendait James Joyce rire quand'il travaillait à son *work in progress*.

J'ai bien entendu lu la traduction de Philippe Lavergne (*Finnegans Wake*. Gallimard, 1982), mais sans commencer par elle. Et je l'ai consultée de moins en moins au fur et à mesure que progressait ma traduction, et que je me tournais davantage vers la version en castillan de Marcelo Zabaloy.

Avez-vous suivi une théorie de la traduction? Le Finnegans Wake peut-il être encadré par les théories de la traduction?

On peut dire à propos de la langue qu'il y a des parlers, propres à chacun et à des groupes plus ou moins étendus, et qui, entre eux se comprennent à des degrés divers et selon des restitutions à la fidélité aléatoire. La normalisation des rapports humains et l'agilité des mémoires électroniques permettent à des champs de plus en plus vastes d'échanger des

synthétisations de plus en plus exactes. Les traducteurs ont donc l'immense champ de travail de fixer les correspondances sémiologiques dans la mesure où elles sont biunivoques et utiles dans un réseau de relations linguistiques donné. Ils sont là pour sanctionner la pertinence des équivalences. La conformité de l'intelligibilité est fonction du repérage des textes (source ou cible) dans la cartographie des énoncés possibles, voire tout juste admissibles. Les erreurs, les ambiguïtés, les jargonnages, les à-peu-près, les calembours sont avalisés par les signes d'ironie de l'auteur. Mais quand le texte est transposé, c'est le lecteur qui décidera, si, tout compte fait, il a compris. Et c'est dans ce sens que pour moi, traduire *Finnegans Wake* est la seule façon de le lire. Le foisonnement (en anglais) des notes en marge et des communications des cercles joyciens témoigne de la liberté qui règne sur ces pages.

Certains traducteurs conservent Finnegans Wake dans le titre, tandis que d'autres le « traduisent ». Vous avez opté pour le deuxième choix. Pouvez-vous en parler?

Je vous renvoie à l'excellent article qu'a réalisé sur ce sujet Patrick O'Neill dans la revue *Qorpus*.²⁴ Il s'agit pour moi clairement d'une appropriation par ma lecture du texte traduit. J'ajoute que j'ai trouvé intéressant de lui donner cet aspect pas sérieux, comme quand on parle en français de « carambistouilles », laissant ouverte l'énigme de sa richesse textuelle qui est tout autant une « pirouette ».

Pouvez-vous citer quelques extraits et aborder d'autres problèmes que vous avez rencontrés et les solutions que vous leur avez apporté?

Je décrirais comme suit le parti-pris que j'ai adopté :

- transposition formelle : aboutir à un texte visuellement semblable à l'original, tel que la reçoit le lecteur anglophone, sinon irlandais
- immanence du sens : contrairement à un exercice de traduction normal, celle-ci se fait au mot à mot puisque l'intention de l'auteur qu'il s'agit de rendre fidèlement est masquée par la mixture langagière
- physicalité de la langue écrite: correspondant à l'oralité, à la musicalité veillant à ce que le résultat soit une émotion esthétique puissante

Je choisirai l'extrait suivant qui dit *Pourquoi* ? :

Par l'antar de Yasas ! Les intirétés de vivre la vie étant la seule substance d'un devenir flux. Totalisé dans le contérecompté et racontécompté dans le can dit racompte. Pourquoi

²⁴ L'interview a été publiée dans un numéro spécial de *Qorpus Magazine* (volume 9, décembre 2019) sur James Joyce, disponible sur : <https://tinyurl.com/8dnu6zhm>.

? Parce qu'il y a deux signes vers quoi tourner, le post et l'ist, le côté du rect et le côté direc tort. Pourquoi ? Sur la vie sourde nous avons le Moskiosk Djinpalast avec ses adjacences jumelles, la maison de bains et le bazar; allahallahallah, et sur la vie sponde c'est l'alcovan et le jardin de roses, bonie nulleté, tout puraputhrie. Pourquoi ? T'une fois ronron patapon l'histoire de la fince et des petits jeunets. Pourquoi ? Tout dire aboie demeurer; vidnis Shavarsanjivana, et tout-en-rêves peutêtrant ondre chanceloupe sont enfin au travers. Pourquoi ? C'est une sotté de secsac, systome dystome. Il y a quelque chose de supernoctural peu importe ce que vous l'appellez. (VP 596)

Et pour le portugais du Brésil :

Qu'est-ce que, para Saom Plaom, au nom de Deucalion et Pyrrha, et des dieux incensés du foyer et licenciés des pénates et Stator et Victor et Kupela et Brisela et toute la mesa redonda de Lorenção Otulass en convocação, faisait réellement ce type humain bassement inintéressant, cette Colonne Calomnieuse de Cloaxité, cette Balise de Bengale de Biliosité, cet Aper Annamite d'Atroxité, il sera précise de le quarifier, car il semble au bas de bas comme cas ?, (VP, 179-5)

Quel a été l'accueil de votre traduction auprès du public français et de l'université/ académie française?

Proche de zéro.

Pas d'action, peu de sauce. (VP 274 note gauche)

Donald Schüller a réalisé une traduction interculturelle, emmenant Finnegans Wake dans le contexte brésilien. En plus de la langue, ou « lalangue », avez-vous aussi apporté la culture française à Veillée Pinouilles?

Assez peu à part le titre et le nom de Pinot et les variantes de Shem-Shaun, la plupart du temps il s'agit de faire comprendre des éléments de la culture irlando-britannique au lecteur français.

– Hep là ! Commong, sa na pa de valure ? (VP 478)

La traduction de Lavergne a reçu quelques critiques, notamment en apprivoisant le jeu de mots multiréférenciel de Finnegans Wake. Que pensez-vous de la traduction de Lavergne?

La traduction de Philippe Lavergne occupe une place de pionnier dans l'histoire de la traduction de *Finnegans Wake*. Elle a été la première traduction complète, achevée dès 1978, et elle a été reconnue par le Prix de l'Académie française. D'un point de vue traductologique, Tim Conley a magistralement mis en lumière²⁵ par le moyen d'un examen impitoyable des notes de bas de page dans la traduction de *Finnegans Wake* par Lavergne, la désinvolture et les négligences par lesquelles le traducteur semble prendre la parole sans se préoccuper de l'ombre froide qu'il projette sur le texte, avec le reproche latent adressé à son ambiguïté fondamentale. Il prend le parti timide et triste de ceux pour qui le calembour est « la fiente de l'esprit qui vole » comme a dit Victor Hugo, et qui ne peut être traduit. La résolution des ambiguïtés constantes dans le texte par des choix arbitraires qui figent le signifiant. L'offre magnifique de travail pour le traducteur est dévaluée.

Pour moi, qui ai lu *Finnegans Wake* avant de m'approcher de la traduction de Lavergne, je n'y pas trouvé ce que j'en comprenais, et j'ai donc cédé à l'appel de me plonger tout entier dans la contemplation de ce bijou d'orfèvrerie scripturale.

Dans la toute première ligne, Lavergne a pris la traduction à Notre-Dame, tandis que vous avez conservé la vôtre dans la cathédrale irlandaise d'Adam et Eve, tout comme l'original. Quelles sont les principales différences entre votre traduction et la sienne?

Lavergne a pris la plus grande des libertés avec les multiples rayons de signification qui tisse cette première phrase qui, comme cela est bien connu, est la continuation de la dernière. Il commence par un mot « erre » dont il n'y a pas l'idée dans le texte original. A s'en tenir au premier mot, *riverrun* est strictement en anglais « le fil de l'eau », le « courant » ; sans doute est-il ce qui nous entraîne dans la vie, dans une incessante répétition ou un renouvellement permanent, donc « re... » dans un mouvement qui dépasse l'histoire d'Adam et Eve dont les positions relatives sont rétablies, puisqu'on passe chez Eve d'abord. L'idée de « re »courant est reprise dans la suite de la traduction de ce premier paragraphe bien que ce soit pour traduire *commodius vicus* par « recourante via Vico par chaise percée » ce qui est inutilement scabreux.

Comment analysez-vous les traductions françaises partielles, comme celle de Beckett?

Il y a une concentration sur le chapitre 8 de ces traductions y compris celle à laquelle a participé James Joyce lui-même. Ceci dit celle de Beckett me paraît la plus apparentée à

²⁵ Conley, Tim. "Avec hésitation": Lavergne's footnotes and translations of *Finnegans Wake*. *Scientia Translationis*, n. 12, 2012 [note de l'interviewé].

l'original, même si Patrick O'Neill a montré dans *Trilingual Joyce*²⁶ que Joyce lui-même ne l'avalisait pas spécialement

Exemples de traduction comparée :

Table ronde sur le thème « Traduisible? Intraduisible? » tenue à l'Institut d'études de l'Islam et des sociétés du monde musulman de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris 14 mars 2014.

Pièce présentée par Hervé Michel « L'expérience de la traduction de *Finnegans Wake* ».

FW 201.7-12

| Chapitre Anna Livia Plurabelle | Andre Peron et Samuel Beckett: | James Joyce, Philippe Ssoupault, P.L. Leon, Eugene Jolas et Adrienne Monnier: | Philippe Lavergne: | Halphé Mihcel: | Michel Chassaing | Traduction d'un automa- tique (http:// trans.voila.fr/ voila) |
|--|---|--|--|--|---|---|
| For the putty affair I have s wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer my life in death companion, my frugal key o four larder, my much-al- tered camels hump, my jointspoiler, my may- moons' honey, my fool to the last Decem- bererm to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to. | Car le trou vaseux que je possede est tout use ah oui, a force d'etre assise a beailler et a attendre que mon vieux baiser et adodderateur Danois, mon compagnon a la vie a la mort, le sobre qua idenas de mon gardman- ner, ma bosse de hameau bien abimee, mon briseur de jointures, le miel de ma lune de mai, mon bouffon jusqu'au dernier jour de Desambre, s'veille de son somme d'hiver et m'enfile comme il em | Car l'arou- mastique que j'icy possede est tout trouee, y a pas a dire, seante ete beaillante et guettante mon Vieux Danois d'addode- rateur, mon compagnon a l'avie dans la mort, quaiden- nas de careme de mon garde manger, ma bosse de chameau bien alteree, mon briseur a plat de ma jointe resistance, le miel de mail une mon grand fou jusqu'au bout de Desambre qui s'veille enfin de son somme d'hi- ver ete | Car le petit machin que j'ai bien use, ca c'est vrai, a force d'attendre et crier Noel qu'il Vienne, mon compa- gnon de vie et de mort, la cle frugale de mês bardes, la bosse camelique du renouveau qui desaltere, ma panacee renversee, Mon miel de Maynooth, mon fou de la 31 decembre, pour s'veiller de son Conte d'Hiver et me devorser tout comme il le faisa it naguere. | Car l'affaire founette que j'ai est toute trouee y a pas a dire, assise beante et attendant mon Vieux Danois addoderateur, mon compa- gnon de vie dans la mort, ma frugale de notre lardier, ma bosse de chameau trésaltérée, mon turbule jointure, miel de lune de mon mai, mon fou jusqu'au dernier Decembrier, pour qu'il se veille de son roupillon d'hiver et me deperce l'en- nuï comme il faisa it susuel- lement. | Car le putti frouc que j'ai est tout use, que j'vous dis, assise, abaillant et attendant mon Vieux Danois hodeur dadoreur, le compagnon de m'avie dans la mort, ma frugale cle de notre frigardeur, ma bosse chameau bien alteree, mon dejointeur, Mon mielou de mailune, mon plein- fou de fin decembre, se veille de as somme d'hi- ver et m'en- nuie un bas coup comme d'antant. | Pour l'affaire de mastic que j'ai est a porte dehors, ainsi ele est, se reposant, jacassant et attendant mon Vieux dodde- rer de hodder de Danois, M avie dans le compagnon de la mort, mon clef economie de notre gardmanger, la bosse de mon chameau beau- coup-change, mon jointspoi- ler, le miel de mêt maymoon, mon imbecile au dernier Decemberer, pour se reveil- ler hors de son hiver sommeliez-et ennuyez-moi vers le bas |

²⁶ O'Neill, Patrick. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018. [note de l'interviewé].

| | | | | | | |
|--|----------------|---|--|--|--|-----------------------|
| | avait coutume! | m'enquiquine comme au temps de ses rixes. | | | | comme il employait a. |
|--|----------------|---|--|--|--|-----------------------|

Diverses traductions du Monologue de la fin du livre

Le traducteur d'Ulysse et Finnegans Wake pour le Castellano, Marcelo Zabaloy,²⁷ est un admirateur déclaré de votre traduction. Que pensez-vous de sa traduction de Finnegans Wake, la première intégrale en castillan?

Marcelo Zabaloy a tous les dons pour réussir son titanesque exploit de traduire *Ulysse* et *Finnegans Wake* dans une langue moderne et fluide. Je lui suis redevable de la considération qu'il veut bien m'accorder et des moments de pure jouissance de la traduction que nous avons échangés sur d'obscurs contours de langage au fond du texte.

Il y a un texte critique qui anticipe votre traduction, « l'intraduction », et quelques tableaux, informations et réflexions sur l'intrigue sur votre Website. Certaines traductions, comme celles de Schüler, Victoria et Schenoni sont abondamment annotées. Quel est votre point de vue sur ces éditions critiques ? La critique étouffe-t-elle ou potentialise-t-elle le texte?

Il faut convier tout le monde à la fête.

Cela dit, mon « Intraduction » n'est pas un texte critique, mais un dispositif d'écriture destiné à recueillir dans le flux de l'action de traduction le ressenti littéraire, philosophique ou poétique.

Le Brésil a la traduction complète de Donaldo Schüler et des traductions partielles, à la fois par Dirce W. do Amarante et par les frères Haroldo et Augusto de Campos (Panorama do Finnegans Wake. Perspectiva, 1991). De plus, il est sur le point de publier une traduction complète, réalisée par un collectif coordonné par Dirce W. do Amarante et a au moins deux autres traductions complètes in progress.²⁸ Croyez-vous qu'une œuvre comme Finnegans Wake est toujours ouverte à de nouvelles traductions ou « un c'est peu, deux c'est bien et trois c'est trop »?

La vérité de *Finnegans Wake* est dans sa traduction. Elle est aussi dans l'avenir littéraire

²⁷ Une interview de Marcelo Zabaloy a été publiée dans un numéro spécial de *Qorpus Magazine* (volume 9, décembre 2019) à propos de James Joyce, disponible sur : <https://tinyurl.com/8dnu6zhm>.

²⁸ En plus de *Finnicius Revém* et *Finnegans Rivolta*, traductions complètes, il y a deux traductions complètes en cours : une par Caetano W. Galindo et une autre par moi.

des langues qui s'engagent dans ce travail. Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki, Fuat Sevimay²⁹ et d'autres nous ouvriront des mondes nouveaux.

Le lecteur et le traducteur sont-ils co-constructeurs de l'ouvrage ou existe-t-il un moyen de faire des lectures et des traductions conservatrices?

Le lecteur et le traducteur sont co-constructeurs de l'ouvrage, tout comme le spectateur de Marcel Duchamp fait le tableau. Nous irons boire à la fontaine!

Besoin d'un livre qui manifeste non pas les impasses mais les imposses du Logos

[ne mène nulle part, car il tourne en rond en fin de compte
ne parle que de lui, auto-référentiel, forme des formes
Rire, ruines et résurrection
Flux de conscience hyperréaliste
Virtuosité de la virtualité sexuelle
Tour de carte, passe-passe, et non-agir]

Pas de coupahurlantes ni d'abucalises ni aucun de jodelles de punchons ni aucun rien.

C'est notre vie crasse, hairsute, éternelle et nulle. (VP 455)

– *C'est des réponses, ça ?*

– *Ce suis quiérierieux !*

– *Crashedafar Corumbas ! Un Czardanseur en réalité ! Dervilisglade aussi. Ortovito semi ricordo ?*

– *Ça ne sangnifie rien ! (VP 513-14)*

²⁹ Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki et Fuat Sevimay sont les traducteurs de Finnegans Wake respectivement en chinois, polonais et turc.

